

Ser Igreja para transformar o mundo

Homilia na Eucaristia de Domingo de Páscoa da Ressurreição de Jesus

Em tempo de risco de um grande colapso social, o testemunho do grande pensador russo, Aleksandr Zinoviev, proporciona-nos a verdade da Páscoa nos tempos que correm, quando afirma:

“Te suplico, meu Deus, trata de existir, ao menos um pouco para mim, abre os teus olhos, suplico-te! Esforça-te por ver: viver sem testemunhas é para nós um inferno! Por isso, eu faço um alarido e grito: meu Pai, suplico-te e choro: existe!”

Sim, o mundo hodierno, mesmo que pretenda negá-lo, necessita de Deus. Esta é a sua verdadeira necessidade! Se a história do ocidente foi construída a partir de Deus, a minha prece, neste dia e perante a maldade humana, é o regresso de Deus ao mundo.

Como acontecerá? Pela presença de testemunhas. E se estas não existirem estamos ou caminhamos para um autêntico inferno onde tudo se torna ininteligível e perde sentido. Urge, por isso, mostrar não só que é possível ter fé, mas que é obrigatório que isso aconteça.

Deste modo, às portas do Ano da Fé, o Papa Bento XVI na Carta Apostólica *Porta Fidei* provoca-nos, dizendo: *“precisamos de descobrir os conteúdos da fé professada, celebrada, vivida e rezada”* (n.º 9). E relembra que **foi pela fé** que Maria aceitou ser a mãe do Messias; **foi pela fé** que os apóstolos deixaram tudo para seguir Mestre; **foi pela fé** que acreditaram na Ressurreição de Cristo; **foi pela fé** que foram pelo mundo inteiro a anunciar o Evangelho; **foi pela fé** que os discípulos formaram a primeira comunidade cristã fundada na comunhão, ensino, partilha e oração; **foi**

pela fé que os mártires morreram outrora perante os perseguidores; **foi pela fé** que homens e mulheres consagraram a sua vida à ação missionária ao longo dos séculos; e **é pela fé** que somos chamados também a “correr”, dando testemunho na família, na profissão, na vida pública, no ensino e no lazer, para que mais gentes saboreiem a alegria da Ressurreição, como cantávamos no Salmo Responsorial.

Neste sentido, confirmo agora publicamente a realização do *Átrio dos Gentios* na nossa Arquidiocese, no dia 16 e 17 de Novembro, como empenho da Igreja no diálogo com o mundo da cultura e da juventude, aproveitando a realização das duas capitais europeias (Braga e Guimarães). Não quero, nem devo antecipar-me a anunciar a temática.

Uma ideia irá estar presente: o valor da vida. Serão convidados especialistas de todas as áreas do saber para um confronto entre crentes, ateus, agnósticos ou de diferentes sínteses de pensamento. A luz do diálogo fará refulgir como a vida, desde a corrupção até à morte, se reverte dum valor sublime.

Situando-me num espaço de reflexão diferente e perante a semente de Ressurreição que o cristão deve colocar no mundo, direi que o valor da vida é inestimável para a fecharmos em horizontes de egoísmo. Nascemos e vivemos para gastar a vida. Não por meras causas pessoais ou projectos de pequenos grupos. Gastar a vida, em comum, por um mundo de justiça, igualdade e fraternidade é o testemunho que é solicitado aos cristãos.

“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10, 10). Isto não é um programa a enterrar no túmulo. Há pedras pesadas que devem ser retiradas pra que apareçam talentos, qualidades, força de vontade, energia e capacidade de entrega. Há cristãos e comunidades “envoltas em lençóis limpos” que não ousam sujar as mãos atadas com a

vida real do povo e de todo o povo, e não apenas de correligionários ou de grupos de interesse.

Há demasiadas mãos sujas com a iniquidade, com a exploração dos facos ou com as conjuras de interesses. E isto acontece porque há mãos limpas e atadas pelo passivismo, pelo deixar correr, não querer comprometer-se, ter medo do que poderá acontecer. E estas mãos são também dos católicos praticantes.

Para terminar, iniciamos agora o Tempo Pascal. Uma oportunidade para revermos a nossa missão eclesial, como propus na Mensagem para o Tempo Pascal. Pois “as novas gerações têm necessidade de ser introduzidas na Palavra de Deus através do encontro e do testemunho autêntico dos adultos, da influência positiva dos amigos e da grande companhia que é a comunidade eclesial.”¹

Para isso, não podemos ignorar a responsabilidade de tornar as nossas comunidades em delícia da humanidade. O que significa isso? Com a responsabilidade de todos e um compromisso sério, à semelhança da corrida de Pedro e do discípulo amado, conseguiremos ser Igreja autêntica capaz de oferecer uma força transformadora do mundo.

+ Jorge Ortiga, A. P.
Sé Catedral de Braga, 8 de Abril de 2012.

¹ Bento XVI, *Verbum Domini*, 97.